

**COMPLICAÇÕES DAS DESCOMPLEXIFICAÇÕES NA COMUNICAÇÃO: UMA
REFLEXÃO SOBRE O ENSINO A DISTÂNCIA**

Ana Lúcia Diana¹

Resumo

Este trabalho procura analisar a oportunidade de interação no processo de educação a distância e em que medida ela pode corroborar para a educação e não somente para a instrução. Procura analisar as perdas causadas pela ausência do corpo na comunicação dentro do ciberespaço, bem como o discurso dos entusiastas que enxergam na internet a solução para problemas de infraestrutura da educação. Para efetivar a análise, foi estabelecida como *corpus* a reflexão sobre cursos online oferecidos por universidades renomadas. Foi realizada análise de caráter bibliográfico, baseado nos estudos das mídias de Harry Pross, no conceito de funcionário de Vilém Flusser, as reflexões sobre o corpo de Norval Baitello Jr, além de reflexões de Hubert L. Dreyfus sobre internet e ensino a distância.

Palavras-chave: Ensino a distância (EAD). Cibercultura. Comunicação. Educação. Cultura.

A partir do século XX, os ideais humanistas sustentados na crença na superioridade dos seres humanos perfeitos e belos caíram por terra. As constatações da ciência de Darwin e da consciência de Freud, apontando a imperfeição, incompletude e fragilidade humanas trouxeram pessimismo, desesperança e provocaram uma nova busca por algo mais resistente e menos vulnerável. E o homem se reinventou com suas máquinas de libertação de limitações.

Nesse contexto de celebração ao fim das limitações humanas por meio da técnica, o imaginário social passou a depositar na tecnologia uma esperança no sentido de salvação para as mazelas humanas. No cinema, filmes como *Blade Runner* e *Jornada nas Estrelas* retrataram a humanização de robôs e, em filmes como *Robocop*, o homem teve sua vida potencializada por meio das máquinas. Robôs com características humanas, humanos com características robóticas: estava feita a fusão entre homem e máquina.

¹Mestrando Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista. E-mail: ana.diana@uol.com.br

Dentre as ferramentas potencializadoras das capacidades humanas, uma ganhou grande destaque e se espalhou pelo planeta. Fabricada com objetivos comunicacionais bélicos, a Internet adentrou os lares com a promessa de uma nova forma de disseminação da informação e nova forma de comunicação. Vista por alguns como libertadora, a conexão com o mundo por meio de um computador ligado a um modem abriu janelas para o progresso e para o futuro.

O que é progresso, afinal? Conhecimento científico e avanços tecnológicos aliados e com um mesmo objetivo: o aumento do capital por meio do consumo desenfreado. O progresso possibilita mais desenvolvimento e conseqüentemente mais satisfação por meio do consumo, portanto, nossa sociedade parece ter encontrado uma fórmula de conforto e felicidade nos moldes do progresso ao mesmo tempo em que sofre com a degradação do planeta e sonha em viver em um mundo sustentável.

Em meio a tantos apelos ao consumo e pouco esclarecimento a respeito dos danos causados por ele, a geração dos cliques e toques acredita que o desenvolvimento tecnológico transborda apenas benefícios para a sociedade e consome cada vez mais equipamentos. São telefones celulares, *tablets*, *ultrabooks*, maçãs e mais maçãs despencam com novidades de tempos em tempos. O tempo pós-moderno, muito acelerado, faz com que as novidades fiquem velhas rapidamente e o desejo pelo mais novo que o novo parece não ter fim.

Das relações dos humanos com as máquinas, surgem novas relações entre os humanos, ou quem sabe se possa dizer, falta de relação entre humanos. Altamente conectados, acreditam alguns estar se comunicando de forma mais eficiente. Outros, levemente desconectados, participam o suficiente para sobreviver na selva do silício. Há os que não participam e vivem à margem da “Matrix”. Inegável é o reflexo de tudo isso para a vida na Terra, seja em termos físicos, psicológicos, religiosos, antropológicos, sociológicos. Não há ramo desta árvore de fios e cabos que não afete a forma de viver dos seres deste planeta.

Uma forma de viver sedentária e pautada no consumo de imagens de telas que nos sedam. Este é o pensamento sentado descrito em saltos por Baitello Jr. (2012). A grande exposição a imagens midiáticas faz com que as pessoas vejam muito e prestem atenção a muito pouco, provocando uma falta de foco causada pela imobilidade dos corpos. A sedação gera insensibilidade em relação ao outro e conseqüentemente essa falta de alteridade nos afasta das questões coletivas e nos transportam para o nada.

Aparece no discurso do senso comum e de ambientes científicos a crença em estudos da comunicação que colocam nos mesmos termos a comunicação entre humanos e máquinas, desconsiderando completamente aspectos contidos apenas no humano como a intervenção do inconsciente, aspectos miméticos e a importância do corpo, característica gregária dos seres humanos, entre outros.

Ao comparar e colocar no mesmo patamar homens e máquinas, a teoria de Wiener complexificou a máquina e simplificou o homem. Ele diz:

Quando dou uma ordem a uma máquina, a situação não difere essencialmente da que surge quando dou uma ordem a uma pessoa. Por outras palavras, tanto quanto alcança minha consciência, estou ciente da ordem emitida e do sinal de aquiescência recebido de volta. Para mim, pessoalmente, o fato de o sinal, em seus estágios intermediários, ter passado por uma máquina em vez de por uma pessoa, é irrelevante, e em nenhum caso altera significativamente minha relação com o sinal. (WIENER, 1978, p.16)

Wiener abandonou toda a cadeia de reações corpóreas e inconscientes que seres humanos podem realizar ao receber determinado tipo de comando. Quanto de insubordinação uma máquina pode demonstrar? Quanto de criatividade uma máquina pode expressar no sentido de criar modos diferentes de realizar a mesma tarefa? Quanto de imprevisibilidade uma máquina mostrará em relação ao humano, repleto de incertezas e instabilidade?

Para Pross (*apud.* BAITELLO Jr., 2008), entretanto, “a comunicação começa e termina no corpo” e é na comunicação em mídia primária, por meio do corpo e seus gestos, odores, fisionomias, movimentos, onde encontramos as maiores possibilidades de comunicação e está nos meios primários a possibilidade de relações e vínculos com os outros.

Comunicamos com o corpo, não apenas com as palavras e precisamos do outro, somos dependentes uns dos outros. Sobre a interdependência dos seres humanos, Contrera diz:

Somos sistemas vivos. E a principal característica dos sistemas vivos é a de serem sistemas abertos, o que vale dizer, irremediavelmente relacionais e interdependentes, sujeitos a constantes interferências ambientais (naturais e sociais) que podem resultar em crises que necessitem de constantes movimentos de reorganização. Esse processo, que define nossa hipercomplexidade, faz com que, crescentemente, nos demorem mais nos estágios de desenvolvimento em comparação a outros seres vivos; ficamos, conseqüentemente, mais dependentes dos cuidados do grupo, o que reforça nosso caráter gregário. (CONTRERA, 2002, p.40)

Por uma questão de sobrevivência da espécie, aprendemos a viver em grupo. Durante as primeiras fases de nossas vidas, se não for pelo outro, sucumbimos. Segundo Contrera

Precisamos de uma enorme quantidade e variedade de vínculos biofisiológicos para viver, e de uma quantidade e variedade maiores ainda de vínculos sociais para continuarmos vivos; vínculos capazes de nos nutrir, que possam alimentar suficientemente nosso sistema. Esses vínculos, como sabemos, são a matéria-prima de toda a comunicação humana, as veias por onde circulam as informações, e que garantem a sobrevivência do indivíduo e do grupo. (CONTRERA, *op.cit.*, p. 4)

Diante da importância do corpo e das relações sociais para a comunicação humana, a partir do século XX, com o nascimento da mídia terciária, o que as alterações nas formas de comunicação ou não comunicação poderão fazer com a geração “multimídia”, que se relaciona com máquinas para trabalhar, estudar e para o lazer? O movimento em direção à “comunicação” por meio da Internet via *Facebook*, *Twitter*, e-mail, propostas de cursos *online* é acelerado. Poderá ter a Internet elementos que possam propiciar e cultivar os vínculos necessários para as relações humanas e para a cognição?

Promessa de proximidade no ensino a distância

Dentro deste cenário dos estudos de comunicação na pós-modernidade, uma enorme quantidade de cursos a distância está disponibilizada gratuitamente ou não. Cursos de idiomas, oferecidos pelo MEC e Capes no Programa Inglês sem Fronteiras. Cursos oferecidos por universidades públicas e privadas, como a Universidade de Campinas (UNICAMP) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Sob promessa de trazer uma forma inovadora de aprendizagem e novas formas de comunicação, além da democratização do conhecimento, os cursos se espalham com a velocidade da pós-modernidade. Alegam promover a aproximação entre docentes e discentes. A Universidade de Campinas (UNICAMP)², por exemplo, lançou uma ferramenta educacional na Internet, cuja proposta é impulsionar o uso de tecnologias educacionais que permitem a criação de novos relacionamentos entre professores, estudantes e comunidade. Entretanto, de que natureza seria este “novo” tipo de relacionamento?

Sobre a comunicação de distância, ou seja, por meio dos computadores, Baitello Jr. diz que

crece assustadoramente o espaço para a comunicação de distância, com as máquinas de imagens, com as imagens sintéticas, os seres digitais, as simulações e os simuladores (de voo de guerra, de pilotagem, de crise, de sexo, etc). Os simuladores passam a criar, por um lado, a ilusão de

²Leia mais em: <http://agencia.fapesp.br/17217#.UYONVSgAPgA.mailto>

proximidade e, por outro, passam a representar a proximidade asséptica do medo, para que também o medo seja apenas aparente, seja ele também transformado em apenas imagem. Com isto acabam gerando e alimentando mais distância. A comunicação de distância, com as máquinas da mídia terciária, excelentes pressupostos para diminuir as distâncias e reduzir o difícil e caro transporte da mídia secundária (de livros, jornais, cartazes, panfletos, cartas), acaba produzindo mais distâncias. (BAITELLO Jr, 2005, p.21)

De acordo com Baitello Jr., o que se apresenta, então, é o afastamento do corpo, porém, com a ilusão de proximidade por meio das imagens produzidas pela mídia e também pelos usuários da mídia, que passam a produzir para ela. Ocorre assim a transformação de seres complexos, corpos vivos em imagens. Fundamental na era da orientação passa a ser aparentar, ser visto, parecer ser.

Nas videoaulas disponibilizadas pela UNICAMP³, a promessa de proximidade lá se encontra, entretanto, o próprio site informa que não há por parte dos professores criadores de tais vídeos a possibilidade de tirar dúvidas ou algo parecido. Tudo aponta para um banco de atividades didáticas que poderiam colaborar com os processos pedagógicos, sendo o site uma forma de compartilhamento de tais atividades.

O projeto da Universidade de São Paulo (USP)⁴ destaca os benefícios da aprendizagem por meio da Internet e a disponibilização de conteúdos como forma de disseminação do conhecimento.

Inspirados em serviços já em uso por Universidades de grande reconhecimento internacional como a Harvard, Yale, Columbia, MIT e Princeton, estamos colocando à disposição de todos um novo serviço da USP, o e-Aulas.

Este novo serviço expressa o reconhecimento por parte da Universidade de que uma de suas funções é a disseminação do conhecimento, permitindo que professores disponibilizem suas vídeo aulas, e que alunos acessem vídeo aulas de diversas disciplinas da USP. Ele também é aberto ao público.

Não se pretende questionar aqui o valor que tais videoaulas possam ter, principalmente no que se refere ao apoio que possam oferecer tanto para docentes quanto para discentes. A questão gira em torno da própria propaganda feita pelas instituições no sentido de promover novas formas de comunicação e aprendizagem por meio da Internet. O que há de novo em termos de comunicação e aprendizagem?

³Leia mais em: <http://www.ggte.unicamp.br/e-unicamp/public/?novidades&novId=1>

⁴Leia mais em:

<http://www.eaulas.usp.br/portal/about.action;jsessionid=4D461FC94E001F93CBE275EAF57C256E>

Para Vygotsky(1988), é inegável a importância da intervenção de outras pessoas no desenvolvimento do sujeito. Para ele, a intervenção intencional, a promoção de um ambiente ativo de aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento. O professor como mediador de situações de aprendizagem e não como um transmissor de informações que devem ser absorvidas passivamente pelos sujeitos.

Se não há mediação ou intervenção de nenhum sujeito e não há a noção de grupo e pertença, pelo menos não há no ambiente “virtual” oferecido por muitos dos cursos online, é possível visualizar uma nova forma de comunicação que não seja a gerada pela interação em mídia primária? Os vínculos afetivos, necessários para a formação humana, podem ser gerados na dita “comunicação virtual”?

São muitas as reflexões acerca da forma como os humanos aprendem e da necessidade de inserção em um grupo para a consolidação de um processo significativo de aprendizagem, porém, será que educadores, comunicólogos e a sociedade de modo geral têm se preocupado com a crescente onda de cursos online? Navegar nesta onda é preciso?

Precisamente, parte da mídia celebra a abolição das salas de aula como forma de democratizar a educação. Celebra também os superprofessores capazes de lecionar mais de cem mil alunos sentados em suas casas ao mesmo tempo. Gilberto Dimenstein⁵ chama de desatualizados os professores que não conhecem o indiano capaz de tal proeza.

Se você é educador e não conhece esse indiano, lamento informar, mas você tem um problema de defasagem -e sério.

O professor de engenharia Anant Argawal dá aula ao mesmo tempo para 150 mil alunos espalhados pelo mundo. Sem cobrar nada - e com direito a certificado.

Quem quiser saber para onde vai a educação no futuro tem de prestar atenção - aliás, muita atenção - nesse indiano, que está no Brasil para falar num seminário de educação.

Cabe aqui uma reflexão sobre até onde se pode atribuir aos cursos online um caráter inovador para a Educação ou se eles não estão inseridos no que se pode chamar de instrução. Afinal, a educação é um

processo de incorporação intelectual e afetiva pelos indivíduos, dos princípios e das forças que estruturam o Bem de uma formação social. O bem (*to agathon*, para o antigo grego) é simplesmente outro nome, de feição clássica, para o equilíbrio econômico, político e ético da comunidade humana, portanto,

⁵Leia mais em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gilbertodimenstein/1256488-professor-indiano-da-aula-a-150-mil-alunos.shtml>

para a preservação da vida e para a continuidade do grupo de acordo com os princípios de sua fundação. As formas canônicas desse equilíbrio se acham nos sistemas de conhecimento (ciências, artes, narrativas, filosofia) e nas instituições (trabalho, parentesco, costumes, códigos, leis) que regulam ou orientam os destinos comunitários segundo as verdades consensualmente instituídas pelo grupo. (SODRÉ, 2012, p. 15)

O autor continua diferenciando educação de instrução, sob a ótica da visão adotada pelo pensamento pragmatista (de John Dewey a Richard Rorty), onde se prega que a educação

não se confunde com a *instrução* pura e simples (o ensino ou a capacitação para o exercício de funções específicas) nem com a *cultura*, tradicionalmente entendida como o modo de produção de sentido para a totalidade social. Educar é socializar, individualizando, isto é, primeiramente inscrever a criança no ordenamento social desejado e depois criar as condições cognitivas e afetivas para sua autonomia individual como adulto. (SODRÉ, *op. cit.*, p.15,16)

O que estão oferecendo como forma de promoção da democratização do conhecimento e da educação? Parecem atividades voltadas para a instrução, que têm por objetivo o treinamento para um fim específico. A educação é algo muito mais abrangente e impossível de mensurar e que aprendemos dentro das instituições, das famílias, no convívio em sociedade. O que está sendo disponibilizado nos sites da UNICAMP e da USP são atividades que possibilitam o treinamento de indivíduos em determinado assunto. Educação requer algo social que tais atividades não dão conta de propiciar.

Se a educação formal, apresentada pelas escolas, já se mostra um tanto limitadora dos saberes, colocando o saber científico em um patamar de superioridade, o modelo que se apresenta de ensino a distância, ajuda a reforçar ainda mais essa ideia. O convívio entre as pessoas dentro de uma escola, ainda que de forma mínima, pode promover algumas ações que levem em consideração outros saberes trazidos pelos indivíduos que lá estão. Entretanto, o ensino a distância, deposita em seus sites um amontoado de conhecimento científico a ser consumido. Sodré chama a atenção para o que Sousa Santos chama de monocultura do saber. Sobre isto ele menciona que

A ideia do “saber único” termina recalçando uma parte importante da realidade, “porque” há práticas sociais baseadas em conhecimentos populares, conhecimentos indígenas, conhecimentos camponeses, conhecimentos urbanos, mas que não são avaliados como importantes ou rigorosos”. Seus efeitos são igualmente danosos no tocante à educação, porque o monismo cultural que privilegia a língua hegemônica impede o pluralismo das linguagens característico de alunos provenientes de diferentes estratos sociais, senão de outras regiões emigratórias do mundo. (SODRÉ, *op. cit.*, p 23)

Monoculturalismo é o primeiro passo para a intolerância e para o não entendimento e automaticamente a desconsideração pelo outro e nos coloca em contato com o vazio, transmitindo uma sensação de isolamento em meio a tantos recursos, coisa que o usoda internet parece estar colaborando para reforçar.

Dreyfus (2009) aponta inúmeras possibilidades da internet apresentadas a nós. Dentre elas estão a crença de que ela trará desenvolvimento econômico, ferramentas de busca imbatíveis, solução para os problemas da educação em massa, nos colocará em contato com o mundo real e o virtual, trazendo novos significados em nossas vidas. Porém, segundo ele, pesquisas realizadas na Universidade de Carnegie Mellon atestaram que ao se dar acesso à rede, as pessoas se sentiram isoladas e deprimidas, concluindo que a causa disso é a falta da presença física nas interações.

O autor afirma que os entusiastas extremistas da internet querem se libertar do que há de mais aprisionante: o corpo. Ele, com suas mazelas, é impedor da onipotência e da onipresença. Para eles, a internet poderá nos revestir de poderes capazes de nos levar à eternidade.

Dreyfus enfatiza ainda a importância do corpo na interpretação dos fatos cotidianos e coloca em cheque a celebração da ubiquidade da mente e nulidade do corpo proporcionada pela internet. Trancadas em seus quartos, as pessoas podem fazer compras, jogar, comunicar-se com conhecidos e fazer novos contatos, fazer cursos, entre outras atividades. O autor faz uma análise das perdas causadas pela vida no ciberespaço.

De acordo com ele, nossos corpos estão sempre presentes em situações potencialmente arriscadas, conscientes de nossas fragilidades e prontos para situações de perigo. Além disso, a presença oferece infinitas possibilidades de combinações de movimento dos olhos, da cabeça, gestos, postura, gerando uma comunicação mais rica e utilizando a internet como meio de comunicação, a apreensão do mundo se torna mais limitada. Não há interpretação de gestos e olhares, nem perigo iminente. Portanto, o senso de vulnerabilidade e prontidão para as situações de perigo estão ausentes, o que pode causar uma sensação de irrealidade.

Ele afirma que o ensino a distância como tem sido praticado, por meio de videoaulas gravadas pelos professores e assistidas passivamente pelos alunos promove oportunidades mais pobres de aprendizado. O aluno não correrá o risco de ser chamado a falar sobre um assunto não conhecido. O professor não será perguntado sobre algo que não sabe. Ou seja, o

risco em aprender e ensinar é removido, o que não favorece a relação mútua de aprendizagem entre professores e alunos.

O autor menciona uma chance de tornar o ensino a distância algo mais próximo do que seria a comunicação presencial: a telepresença ao vivo e interativa. Ainda assim, haveria perdas em termos comunicacionais, pois a capacidade de controle do corpo e a análise do contexto, estado de ânimo demonstrado pelo corpo, é dirigida pela câmera. Isto impossibilita a visão periférica do ambiente, da reação das pessoas, engessando o trabalho do professor que não consegue captar a emoção e muito menos mudar de direção quando o assunto não parece interessante, comprometendo o envolvimento dos alunos.

Outro fator negativo no que se refere ao ensino a distância ao vivo, interativo e em vídeo é o alto custo. Talvez não seja viável para as instituições que promovem o ensino a distância, uma vez que objetivam um ensino barato ou gratuito e com largo alcance, ainda que seja um ensino menos efetivo.

A reflexão de Dreyfus acerca da ubiquidade da internet é altamente pertinente e traz contribuições fundamentais especialmente para educadores que intencionam melhorias não apenas no nível instrucional possível pela internet, mas em nível educacional. A educação passa fundamentalmente pela cultura e a cultura não pode ser transmitida pura e simplesmente pelas palavras digitadas e imagens produzidas, mas pela sensibilidade somente auferida ao nosso corpo.

Pross, ao afirmar que “a comunicação começa e termina no corpo”, contribuiu com a reflexão sobre o desejo de ubiquidade que cresce nas relações em mídia terciária nos nossos tempos. Mídia que torna tudo possível dentro da imobilidade dos aparatos tecnológicos, trazendo realização de sonhos em *bites*, *gigas* e *teras*, impedindo os passos em direção ao mundo concreto.

A discussão é provocadora. Estamos imersos no “ciberuniverso” por vontade própria ou por exigência social. Entretanto, não podemos deixar de refletir sobre os benefícios e perigos da vida on-line. A Internet é apenas mais uma ferramenta tecnológica desenvolvida pelo homem. A ferramenta por si só não é capaz de libertar ou transformar. Ela é capaz apenas de nos conectar e oferecer um tipo de vínculo de pequena duração, que não satisfaz a necessidade humana de troca, toque, emoção. Mente e corpo não são dissociáveis e trabalhar

a consciência da finitude, a não negação da nossa natureza animal e empática nos dá a dimensão do real.

Referências

BAITELLO JR., N. **A era da iconofagia. Ensaios de Comunicação e Cultura**. São Paulo: Hacker, 2005.

_____. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.

_____. **Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos**. In Rodrigues, David (org). Os valores e as Atividades Corporais. São Paulo: Summus, 2008. P.95 – 112.

BARBROOK, Richard. **Futuros imaginários: das máquinas pensantes à aldeia global**. São Paulo: Peirópolis, 2009. Disponível em <http://futurosimaginarios.midiatatica.info/>

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo**. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

DREYFUS, Hubert L. **A Internet: uma crítica filosófica à educação a distância e ao mundo virtual**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2012.

DUPAS, Gilberto. **O Mito do Progresso ou progresso como ideologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da Técnica**. In: LEÃO, Emmanuel Carneiro (Trad). Ensaios e Conferências. Petrópolis: Vozes, 2001.

PROSS, H. e BETH, H. **Introducción a la Ciencia de la Comunicación**. Barcelona: Anthropos, 1987.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Petrópolis: Vozes, 2012.

WIENER, N. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1978.

VYGOTSKY, L. S. **Formação social da mente**. Martins Fontes, 1988.